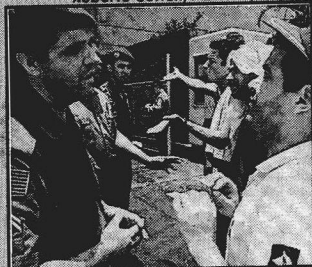


ECONOMIA

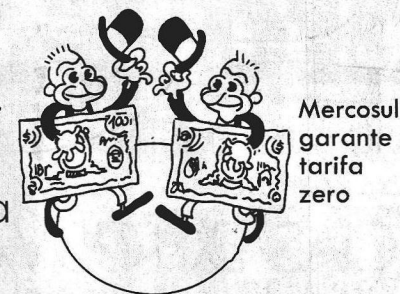
Roberto Setton/AE - 14/12/94



Greve dos carteiros

Nesta página: Fernando Henrique encontrará cenário econômico propício para estabilizar a economia. Há grande otimismo entre os empresários, que prevêem crescimento de 5% para o próximo ano. Itamar Franco insiste no mínimo de US\$ 100.

Página 9: com o início do Mercosul, dia 1º, os consumidores vão pagar mais barato pelos produtos argentinos, uruguaios e paraguaios. Passarão a ser isentos da alíquota de importação 7.650 itens fabricados nestes três países. Aeroportuários prometem entrar em greve a partir de hoje. Carteiros continuam parados.



Cenário favorece novo governo

GRANDE OTIMISMO NO MEIO EMPRESARIAL. ATUAL QUADRO ECONÔMICO NÃO TEM PRECEDENTE HÁ DUAS DÉCADAS. BOM PARA FHC.

GIOVANNA PICILLO

Um cenário econômico interno e externo extremamente favorável — sem precedentes em pelo menos duas décadas, segundo alguns economistas — fará com que o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, ao tomar posse, encontre circunstâncias excepcionalmente propícias para estabilizar a economia. Essa percepção vem provocando uma onda de otimismo “quase desenfreado” no meio empresarial, segundo confirmou pesquisa da consultoria Arthur Andersen, feita entre as 500 maiores empresas e divulgada na última semana. Inflação baixa, liquidez internacional elevada, apoio político e crescimento econômico mundial são os fatores que compõem este cenário e levam as grandes empresas a prever crescimento de 5% em 1995.

“A situação hoje se assemelha às décadas de 60 e 70, principalmente a da década de 70, quando o Brasil cresceu”, observa o economista Geraldo Gardenali, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Naquela ocasião, o déficit norte-americano provocou um aumento na liquidez internacional, permitindo que todos os países crescessem. “O Brasil também podia crescer, porque podia se endividar lá fora, financiar o déficit e manter a exportação em ritmo crescente”, lembra ele. Agora, a situação é semelhante. Os americanos voltaram a ter déficit e a gerar liquidez internacional.

“As condições em que Fernando Henrique assume são as melhores pelo menos desde a segunda crise do petróleo, em 79/80.”

O risco, no quadro atual, seria os Estados Unidos, diante do seu déficit, realizarem uma forte puxada nas taxas de juros, com impacto sobre o ritmo de crescimento da economia mundial, e, consequentemente, do Brasil. Outro efeito seria um aumento do custo da dívida brasileira e a possibili-

e oferta forte de liquidez externa”, diz Gardenali.

O quadro favorável no front externo torna possível a Fernando Henrique traçar o plano de usar US\$ 50 bilhões de poupança externa. Segundo estimativa do presidente do Citibank, Roberto do Valle, apenas os investidores norte-americanos, capitaneados pelos fundos de pensão, deverão investir US\$ 2,5 bilhões no Brasil no futuro próximo. O próprio Citibank pretende investir entre US\$ 1 bilhão e US\$ 1,2 bilhão na privatização. Projeções feitas em Washington apontam que o País poderá captar US\$ 60 bilhões para investimento em três anos.

Hoje, sem preocupação com a balança de pagamentos, “a hipótese de crescimento da economia por vários anos é concreta”, diz Gardenali. Para Salomão Quadros, economista-chefe do Bando de Dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), na comparação estatística, a situação é parecida com a do ano de 1974. “O PIB cresceu 8% em 74 e a inflação anual foi de 34%”, lembra. “A diferença é que a trajetória está invertida.” Ou seja, em 74, a taxa de crescimento do PIB começava a declinar e a inflação, a subir. Agora, o PIB tende a crescer e a inflação, a diminuir. Segundo pesquisa da Arthur Andersen e da Associação em Finanças Internacional (AFI), o Brasil poderia chegar ao final de 1997 com um crescimento do PIB de até 8%.



FHC: condições excepcionais.

dade de ocorrer uma diminuição na entrada de recursos externos.

Por ora, o Brasil está com a balança de pagamentos ajustada — o nível de reservas internacionais de US\$ 43 bilhões é 304% superior ao volume verificado no início do governo Sarney e 388% maior do que no início do governo Collor. Mesmo com uma dívida externa, respectivamente, 42% e 26% maior do que em 84 e 89, “a dívida foi escalonada, há folga

Situação econômica do País no começo dos últimos governos

(Comparação desde a década de 70 até 94, conforme últimos dados disponíveis)

Tamanho do PIB

Período	Valor (em US\$ bilhões)
1973 (um ano antes do governo Geisel)	232
1978 (véspera do governo Figueiredo)	321
1984 (véspera do governo Sarney)	365
1989 (véspera do governo Collor)	453
1994 (véspera do governo Fernando Henrique)	480 (estimativa com 4% de crescimento)
1995 (projeções)	500 (estimativa com 5% de crescimento)

Tamanho da dívida externa (em US\$ bilhões)

Período	Valor
1984	102,1
1989	115,5
1993	145,7

Evolução do PIB per capita (em US\$)

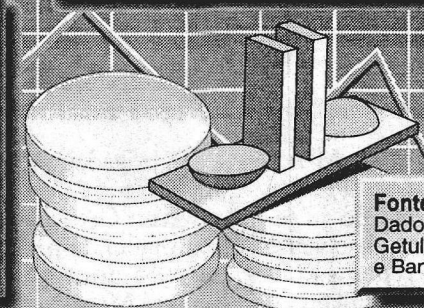
Período	Valor
1968	1.531
1973	2.307
1978	2.834
1984	2.860
1989	3.213
1993	3.058 (estimativa)
1994	3.160 (estimativa)

Comportamento do Índice Geral de Preços (IGP)

Período	Variação (em %)
1968	25,49
1973	15,54
1978	40,83
1984	223,81
1989	1.782,90
1993	2.708,55
1994	1.087,11
1995	20 a 40

Desempenho da balança comercial

Período	Saldo (em US\$ milhões)
1973	7
1978	-1.024
1984	13.090
1989	16.120
1993	13.072
1994	11.200 (estimativa)



Fonte: Banco de Dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Banco Central.